

## A PERSPECTIVA DA ECOLOGIA ORGANIZACIONAL: RELEVÂNCIA DE ESTUDOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

### Introdução

O campo das teorias organizacionais abraça diferentes perspectivas axiológicas, ontológicas e epistemológicas, resultando em diferentes paradigmas de pesquisas que se articulam num contexto inter e multidisciplinar. Assim, desde os primeiros estudos sobre organizações, questões relacionadas aos motivos e condições em que as organizações emergem, persistem e se desenvolvem, continuam despertando o interesse de pesquisadores (Verhaal, Khessina, & Dobrev, 2015). Porém, essas teorias parecem padecer de certa ambiguidade em relação aos seus construtos e definições de termos específicos (Freitas, 2000; Silva, Santos, & Macedo, 2019), diante das constantes transformações ambientais.

No final da década de 1970, a maioria dos teóricos e gerentes das organizações modernistas tinha tomado a importância do ambiente para organização (Hatch, 2006), tentando explicar como o ambiente opera. O marco para o surgimento da ecologia organizacional é identificado com a publicação de Hannan e Freeman (1977). A perspectiva ecológica organizacional gerou grande excitação, controvérsia e debate dentro da comunidade científica dedicada à teoria das organizações e da administração (Clements et al., 2016).

A teoria ecológica assume a dependência da organização juntamente com o ambiente. Seu papel é ajudar na compreensão das relações envolvendo uma organização, de forma a entender o que torna as organizações tão semelhantes entre si (DiMaggio & Powell, 1983). Considerando que as organizações se adaptam continuamente ao seu ambiente, a literatura tenta explicar como o ambiente institucional constitui o contexto social mais amplo para a ocorrência de processos ecológicos. A interação permite que as organizações façam todo tipo de atividades como adquirir matérias-primas, contratar funcionários, garantir capital, vender produtos e serviços, obter conhecimento, e construir, arrendar ou comprar instalações e equipamentos, bem como participar, regular e supervisionar as trocas com outros atores (Hatch & Cunliffe, 2006).

Considerando a importância de ampliar estudos que aprimorem o contexto ambiental organizacional (Clements et al., 2016), a perspectiva ecológica pode agregar valor, realizando uma análise profunda dos fenômenos ambientais, principalmente nas investigações envolvendo perspectivas futuras da organização. Nesse sentido, a questão que orienta esta pesquisa foi assim formulada: Qual a relevância da produção científica sobre a Ecologia Organizacional? Para responder a essa questão, estabelecemos como objetivo esboçar um panorama da produção científica sobre ecologia organizacional de impacto nacional e internacional.

Conhecer como essa temática está se desenvolvendo nas produções científicas, por meio de um estudo bibliométrico para avaliar qualitativamente a literatura científica pode trazer contribuições para as pesquisas futuras no campo, bem como para a prática organizacional. Pautado na importância de se conhecer e avaliar a produtividade sobre o tema, é necessário identificar pesquisadores e padrões no âmbito nacional e internacional, o que torna possível fornecer antecedentes suficientes para que os cientistas sociais realizem pesquisas relevantes (Carroll, Dobrev, & Swaminathan, 2002).

Recentemente, os ecologistas começaram a prestar mais atenção empírica às transformações organizacionais (Gang, 2018; Makarevich, 2018; Mendoza-Abarca, Anokhin, & Zamudio, 2015; Silva et al., 2019), destacando fenômenos pela visão ambiental. Numerosas análises sobre ajustes de forma ambiental são desenvolvidas, seja no âmbito da densidade, dependência de recursos, nascimento e morte, vínculo entre forças sociais e organizacionais, dentre outras (Carroll et al., 2002; Hsu & Hannan, 2005; Swaminathan & Wiedenmayer, 1991; Tremblay, 1993; Verhaal et al., 2015).

A perspectiva ecológica desafia as abordagens tradicionais para a construção de uma teoria unidirecional (Dougall, 2005). A complexidade ambiental delimita a variedade de situações e atividades com as quais as organizações devem interconectar-se ao longo do tempo e, ao mesmo tempo, compromete sua capacidade de se auto gerenciar efetivamente (Clements et al., 2016).

O texto está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, apresentamos as vertentes da perspectiva da Ecologia Organizacional. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos, os resultados da pesquisa e, por fim, as considerações finais.

## **Vertentes da Teoria Organizacional Ecológica**

A abordagem ecológica explica a mudança organizacional concentrando-se na distribuição dos recursos ambientais e nos termos em que estão disponibilizados (Aldrich & Wiedenmayer, 2019). Os precursores da teoria ecológica (Hannan & Freeman, 1977) afirmaram que as organizações individuais raramente conseguem mudanças radicais na estratégia e estrutura diante das ameaças ambientais, justificando análises a nível de população organizacional.

A teoria da ecologia populacional sustenta que a maior parte da variabilidade nas estruturas organizacionais ocorre através da criação de novas organizações e formas organizacionais e da substituição de antigas (Freeman & Hannan, 1983; Hannan & Freeman, 1977). Essa abordagem desafia a perspectiva contingencial, transformando-a numa teoria anti-management (Clegg, 1996), pelo pressuposto de que o ambiente predomina sobre a organização.

Os ecologistas trabalham em três níveis de análise - organização, população e comunidade (Aldrich & Wiedenmayer, 2019; Carroll, 1984). Entretanto, ainda não há consenso sobre o nível mais importante de análise (Carroll, 1984). O nível mais baixo (organizacional) envolve o estudo de eventos demográficos e processos do ciclo de vida nas organizações individuais. A pesquisa no nível das populações concentra-se no crescimento e declínio da população, bem como as interações entre outras populações. Já o nível da comunidade se baseia no surgimento e desaparecimento das organizações.

Existem inúmeras variantes dessa perspectiva que diferem amplamente em outras dimensões. A teoria de dependência de recursos enfatiza mudanças estruturais que neutralizam fontes de incerteza ambiental (Carroll, 1985; Carroll & Swaminathan, 2011; Hannan, Dundon, Carroll, & Torres, 1995). Já a ecologia populacional assume o considerável poder do ambiente sobre a organização, assim como a teoria da dependência de recursos.

No entanto, enquanto teoria da dependência de recursos está enraizada na análise a nível organizacional, a ecologia populacional concentra a maior parte de sua atenção no meio ambiente. O que interessa aos ecologistas da população não é como uma organização particular obtém sua própria sobrevivência através da competição por recursos escassos e recursos críticos (como na teoria da dependência de recursos), mas os padrões de sucesso e fracasso entre todas as organizações que competem em um dado conjunto de recursos (Hatch & Cunliffe, 2006).

Uma versão institucionalmente orientada dessa perspectiva sustenta que as estruturas organizacionais são racionalmente adaptadas aos modos de organização predominantes e endossados normativamente (DiMaggio & Powell, 1983; Meyer & Rowan, 1977). Os critérios de seleção são definidos por meio da operação de forças de mercado, pressões competitivas, lógica da estruturação organizacional interna, conformidade com normas institucionalizadas e outras forças (Aldrich & Wiedenmayer, 2019; Michael T. Hannan & Freeman, 1977).

Uma população com necessidades de recursos semelhantes compete mais intensamente, surgindo a perspectiva de concorrência interorganizacional baseada na densidade populacional

(Barnett & Carroll, 1987; Baum & Mezias, 1992; Swaminathan & Wiedenmayer, 1991), que é o número de organizações existente em uma população. O crescimento da densidade leva à legitimação (“valor social dado como garantido”) (M. T. Hannan et al., 1995, p. 510) até certo limite. Isso porque pela perspectiva institucional, as organizações dependem da aceitação da sociedade em que operam (Hatch & Cunliffe, 2006). Especificamente, à medida que a densidade sobe de zero para um nível alto (não especificado), as taxas de fundação aumentam inicialmente e depois caem, e as taxas de mortalidade diminuem inicialmente e depois aumentam (Hannan et al., 1995; Kücher & Feldbauer-Durstmüller, 2019).

A teoria ecológica sustenta que, sob certas condições ambientais e organizacionais, o aumento do domínio de grandes empresas em um setor aumentará as chances de vida de organizações especializadas (Carroll et al., 2002; Tsai, MacMillan, & Low, 1991). Como consequência, as variações ambientais induzem à mortalidade de instituições generalistas, em prol das especialistas: é o nicho populacional (Freeman & Hannan, 1983; Makarevich, 2018).

Os ecólogos têm destacado a perspectiva da inércia estrutural, que é a influência dos fatores ambientais e organizacionais nas taxas de mudanças em organizações individuais e a adaptabilidade dos diferentes tipos de mudanças. Nesse sentido, tem-se a perspectiva da adaptação estratégica. Embora os gerentes desenvolvam e implementem estratégias, essas estratégias não determinam diretamente o sucesso (Tremblay, 1993; Tsai et al., 1991). Em vez disso, elas são uma das muitas fontes de variação aleatória que serão selecionadas a favor ou contra o ambiente. O aprendizado é adaptável e resulta na organização ajustando melhor ao seu ambiente; outras vezes, o aprendizado não é adaptável e adaptação da organização ao ambiente não é aprimorada (Greve & Argote, 2015).

No Brasil, as investigações destacaram a aplicabilidade da adaptação organizacional ao ambiente (Guerrazzi & Serra, 2017; Silva et al., 2019), outras aprofundaram em questionamentos da perspectiva ambiental (Cunha, 1999; Marquesan & Figueiredo, 2018). Apesar disso, a literatura envolvendo a Teoria da Ecologia Organizacional é predominantemente internacional.

As fronteiras tradicionais entre as teorias estão ficando cada vez mais embaçadas à medida que cada teoria organizacional aborda novas questões (Greve & Argote, 2015). A construção de pontes entre a teoria organizacional e o campo social impulsionou novos modelos para a teoria organizacional contemporânea (Freeman & Hannan, 2014). Nas últimas décadas, os estudos organizacionais utilizam cada vez mais múltiplas perspectivas: indivíduo, grupo ou subunidade organizacional, organização, setor ou população organizacional e campo (Haveman & Wetts, 2019). Esse desenvolvimento parece direcionar para novos mecanismos de aprendizagem organizacional e novos interesses empíricos.

Dada a importância das organizações para a sociedade, é relevante aprofundar no campo da ecologia organizacional, visto que a inter-relação entre o ambiente dos negócios e o campo social é capaz de definir o futuro corporativo. Quando essas relações são explicitadas, a mudança organizacional torna-se elemento-chave para o desenvolvimento do paradigma ecológico. Esse processo é crucial para empreendedores e pesquisadores que tentam entender o reflexo das características organizacionais ao longo do tempo (Delmar & Shane, 2004). Diante disso, uma análise bibliométrica é importante para apontar oportunidades e lacunas na literatura capaz de entender as anomalias ambientais na diversidade organizacional.

## **Procedimentos metodológicos**

Para a elaboração e execução deste estudo, realizou-se uma pesquisa bibliométrica. A bibliometria vem sendo utilizada em diversas áreas do conhecimento para aprofundar análises no âmbito científico (Holgado-Silva, Casarotto, Benini, & Binotto, 2018). Além disso,

possibilita identificar grupos e áreas de excelência acadêmica de determinado tema (Souza, 2013).

O foco dessa metodologia está em quantificar as produções por meio de um filtro nos termos em comum, mas não se concentra em analisar o conteúdo dos estudos (Daim, Ploykitikoon, Kennedy, & Choothian, 2008). Com a utilização de técnicas e tecnologias informacionais, a bibliometria permite compreender de forma contextualizada as produções científicas, seja pela autoria, nacionalidade, instituição, dentre outros (Holgado-Silva et al., 2018).

A pesquisa contou-se das seguintes etapas: busca de artigos nas bases, análise descritiva, análise de autoria e país de origem, nível de impacto, palavras-chave e termos base. Assim, o termo principal pesquisado foi “Ecologia Organizacional” e o termo “*Ecology Organizational*” nas bases indexadoras de estudos empíricos Scopus (da Elsevier) e Web of Science (da Thomson Reuters), conforme métrica aplicada em estudos anteriores (Holgado-Silva et al., 2018). As duas bases de dados são ferramentas robustas para medir a ciência no nível macro (Archambault, Campbell, Gingras, & Larivière, 2009).

A intenção é selecionar pesquisas em língua portuguesa e em língua inglesa indexados nas bases mencionadas, para que seja possível comparar a relevância do tema no âmbito nacional e internacional. Dessa forma, obteve-se uma base de 449 observações pela base Scopus e 407 na Web of Science, totalizando 856 pesquisas científicas entre os anos de 1958 a 2019.

As bases selecionadas correspondem a sistemas de indexação, pesquisa e disponibilização de produção científica, particularmente, das áreas de Administração de Empresas, Contabilidade e Turismo, conforme classificação CAPES e fator de impacto Scimago. Por proporcionar significativo acervo de elevado impacto científico, tais bases se tornaram referência aos estudiosos do assunto.

Para além da análise dos dados indexados na Web of Science, optou-se por acrescentar a análise dos dados indexados na Scopus, procedendo-se à comparação dos resultados entre ambas as bases de dados sempre que adequado e possível, assim como Boavida, Rodrigues, & Saraiva (2015). Utilizou-se o software R para análise dos dados, por meio da ferramenta de bibliometria.

## Resultados e discussão

Os resultados da pesquisa evidenciaram as principais características da produção científica relacionadas com os termos “Ecologia Organizacional” e “*Organizational Ecology*”, nos indexadores Web of Science e Scopus, no período entre 1959 e 2019.

Na Tabela 1, apresenta-se uma análise descritiva dos dados coletados. Apesar da base Scopus apresentar período bem menor, possui maior número de publicações (52,4%). Além disso, observa-se que o Scopus é a base mais procurada por autores do tema analisado (959). Fica evidenciado que as principais publicações referem-se a artigos científicos, seguido por livros (ou parte deles).

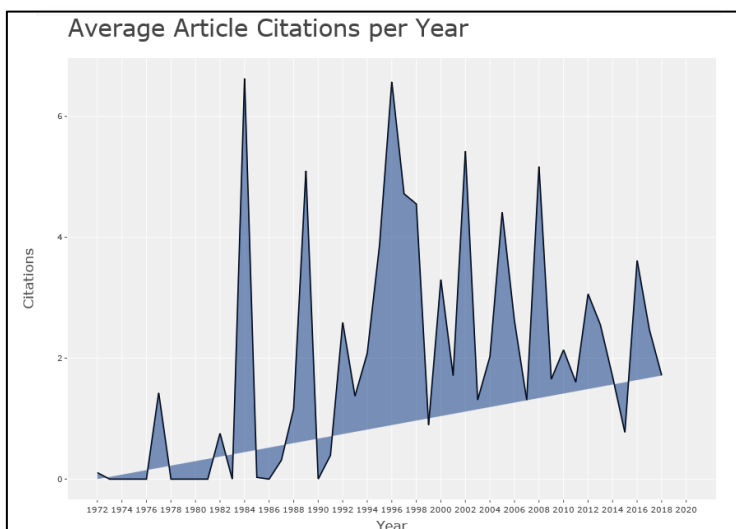
Tabela 1. Descritiva com principais informações da amostra

Main Information	Scopus	Web of Science
Documents	449	407
Sources (Journals, Books, etc.)	283	227
Keywords Plus (ID)	994	876
Author's Keywords (DE)	985	802
Period	1972 - 2020	1958 - 2019

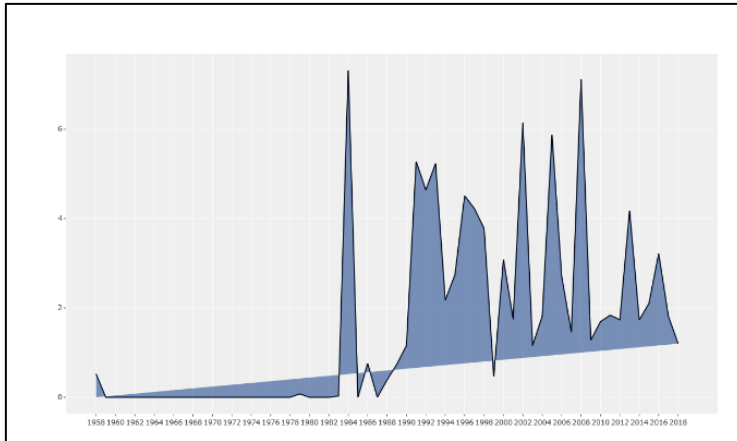
Average citations per documents	29.54	34.11
Authors	740	653
Author Appearances	959	864
Authors of single-authored documents	132	120
Authors of multi-authored documents	608	533
Single-authored documents	153	144
Documents per Author	0.607	0.623
Authors per Document	1.65	1.6
Co-Authors per Documents	2.14	2.12
Collaboration Index	2.05	2.03
<b>Document types</b>		
ARTICLE	327	311
ARTICLE IN PRESS	5	25
BOOK	5	2
BOOK CHAPTER	24	16
CONFERENCE PAPER	44	11
EDITORIAL	1	6
NOTE	2	2
RETRACTED	1	2
REVIEW	40	32

Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

Ainda na Tabela 1, a média de citações por documento foi maior pelo Web of Science (34,11), o que pode ser observado pelos Gráficos 1 e 2. A oscilação negativa apresentada em 2016 na Scopus se contrapõe à sequência de citações positivas na Web of Science, o que pode indicar maior interesse dos pesquisadores por realizar buscas nessa última base e, conseqüentemente, realizar as citações nos novos estudos.

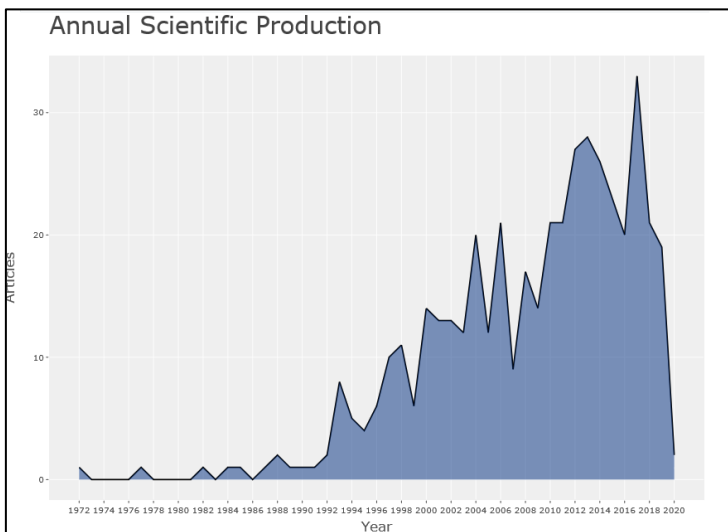


**Gráfico 1** Média de citações por artigo por ano da base Scopus  
 Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

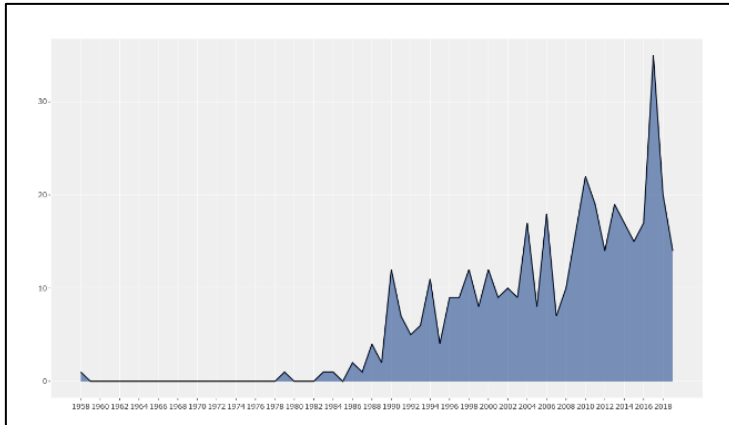


**Gráfico 2** Média de citações por artigo por ano da base Web of Science  
 Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

Nos Gráficos 3 e 4, tem-se a análise da produção anual relacionada à abordagem da Ecologia Organizacional. Como a década de 70 corresponde ao surgimento do estudo de maior impacto sobre o assunto, é natural que a linha do tempo seja insignificante no período anterior. Os resultados apontam que houve uma ampliação das pesquisas envolvendo o tema a partir dos anos 2000, considerando maior interesse da academia em compreender a relação organização-ambiente. Entretanto, o ano de 2018 apresenta uma queda relevante em estudos relacionados ao tema, apesar de sua ascensão nos últimos anos.

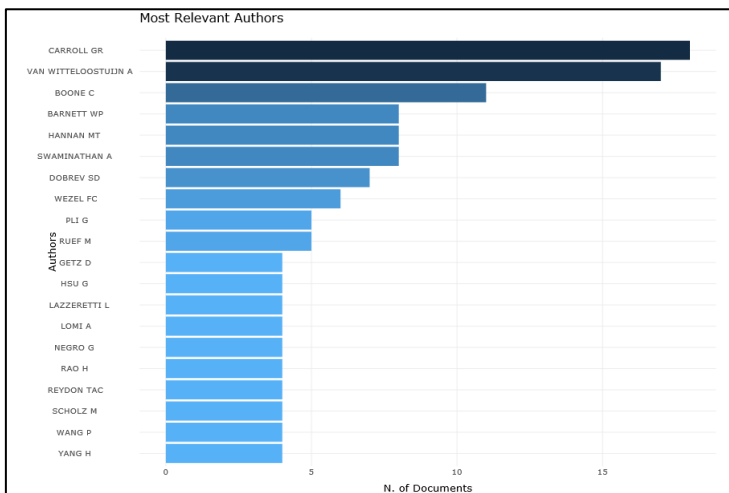


**Gráfico 3** Produção científica anual da base Scopus  
 Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

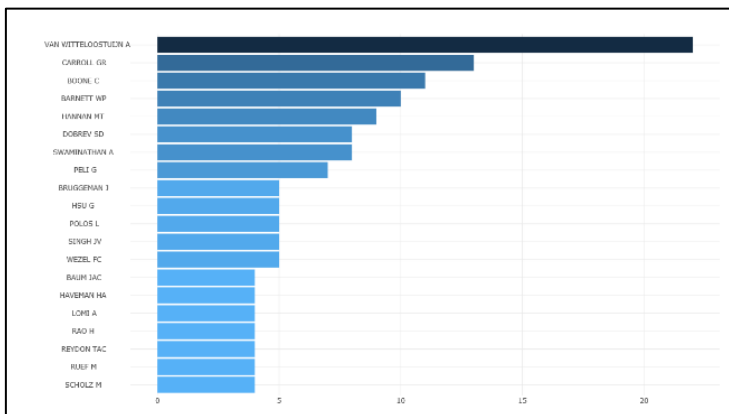


**Gráfico 4** Produção científica anual da base Web of Science  
 Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

Com relação a autoria, os Gráficos 5 e 6 apresentam os autores com maior relevância. Van Witteloostuijn aparece nas bases analisadas como um dos principais autores sobre o tema, possuindo 40 estudos publicados ao longo do período analisado, seguido Carrol Gr. com 31 estudos. O destaque fica para a preferência de submissão de ambos, em bases diferentes.



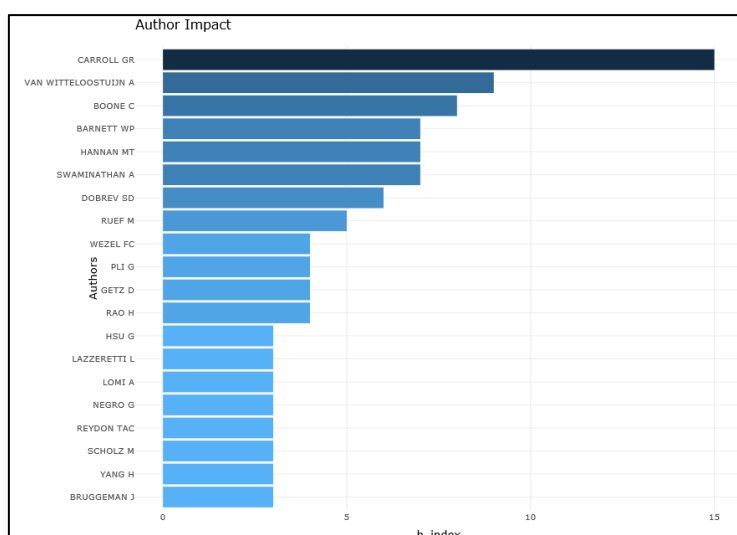
**Gráfico 5** Autores mais relevantes da base Scopus  
 Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio



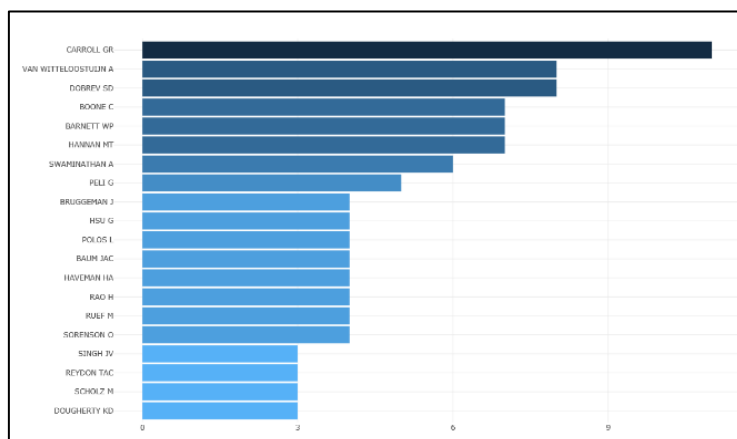
**Gráfico 6** Autores mais relevantes da base Web of Science  
 Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

Ao considerar o fator de impacto, os Gráficos 7 e 8 destacam o autor Glenn R. Carroll (*University of California*) com maior relevância nos trabalhos nas duas bases consideradas nesse estudo. Ele é professor de sociologia e estuda o comportamento organizacional e a autenticidade socialmente construída, com questões sobre organizações, gerenciamento estratégico e evolução industrial. Aqui fica evidenciado a importância desse autor, apesar de Arjen Van Witteloostuijn (*University of Groningen*) apresentar maior número de publicações, o impacto de suas análises é menor. Esse último possui formação em administração e estuda o comportamento e a estrutura das organizações, abordando sucesso e fracasso organizacional. O destaque fica para o autor Stanislav Dobrev (*University of Stanford*) que aparece em 7º lugar na quantidade de submissões e se equipara a Arjen Van Witteloostuijn no impacto das pesquisas. Dessa forma, esses autores aparecem com maior frequência em algum artigo, possivelmente com análises inovadoras.

A metodologia do cálculo de fator de impacto pode comprometer a análise, visto que pode ocorrer auto-citação e citação cruzada. Conforme Wallin (2005), citações a publicações do mesmo autor ou grupos de autores se referenciarem é comum e pode comprometer uma análise bibliométrica por ser de difícil identificação nas metodologias utilizadas, exigindo parâmetros não abordados no presente estudo. Apesar disso, ainda é a referência mundialmente utilizada no campo científico (Bienert, Oliveira, Andrade, & Caramori, 2015) para medir o grau de qualidade do estudo.



**Gráfico 7** Autores com produção de maior impacto da base Scopus  
Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

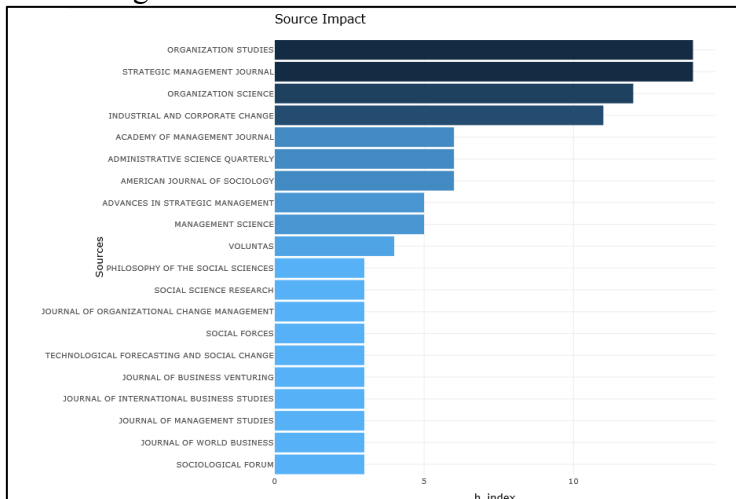


**Gráfico 8** Autores com produção de maior impacto da base Web of Science



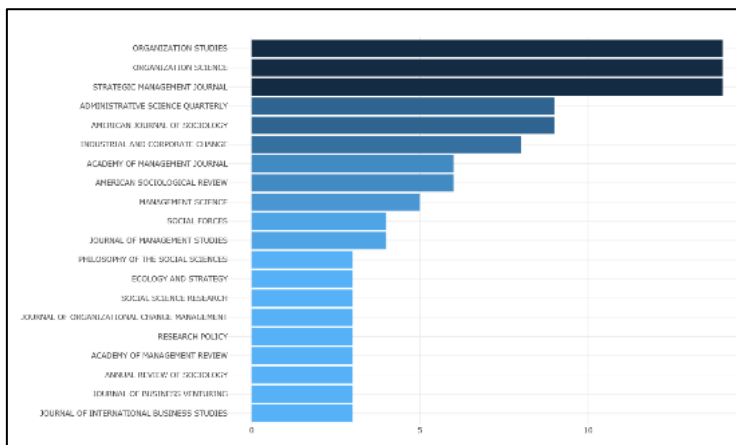
Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

Os Gráficos 9 e 10 relacionam a preferência de periódicos científicos para submissão de estudos envolvendo Ecologia Organizacional, destacando os 3 primeiros com fator de impacto 14. A Revista *Organization Studies* é um periódico multidisciplinar tanto para análises teóricas como práticas no âmbito organizacional com raízes nas ciências sociais. A Revista *Strategic Management* é um periódico direcionado para estudiosos em gestão estratégica, seja para aprimoramento teórico seja para explorar fenômenos organizacionais. Já a Revista *Organizational Science* é amplamente reconhecida na área de comportamento, gerenciamento e teoria organizacional.



**Gráfico 9** Periódicos de maior impacto da base Scopus

Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

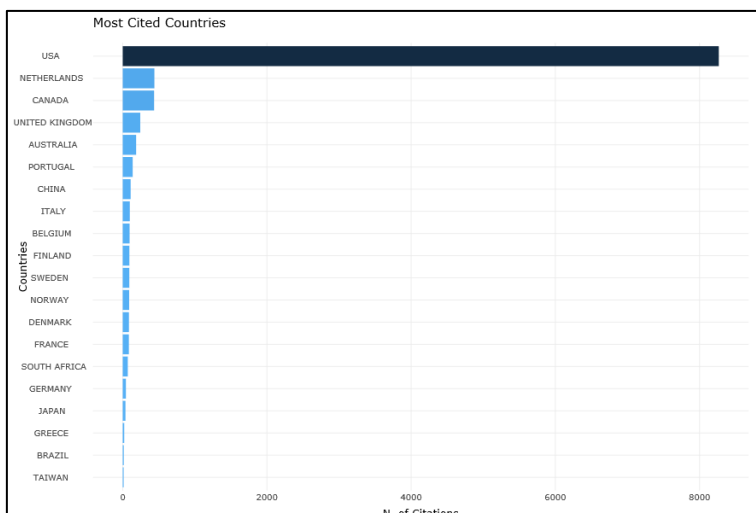


**Gráfico 10** Periódicos de maior impacto da base Web of Science

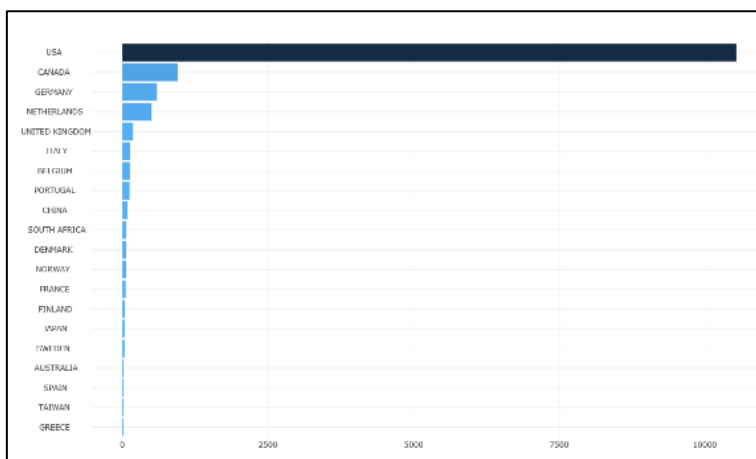
Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

Em geral, os periódicos relacionados estão intimamente ligados às ciências sociais, por ser um tema de estudo de abrangência social. Além disso, os dados explicitam que os autores dos estudos estão concentrados em instituições de renome internacional, como *Stanford University*, *University of California*, *University of Toronto* e *University of Groningen*.

Em relação aos Gráficos 11 e 12, observam-se os países mais citados nos estudos sobre Ecologia Organizacional. O maior destaque é os Estados Unidos, seguido pelo Canadá, Países Baixos, Alemanha e Reino Unido, em consonância com estudos anteriores (Holgado-Silva et al., 2018). Os demais países apresentam baixa relevância nas discussões sobre o tema.



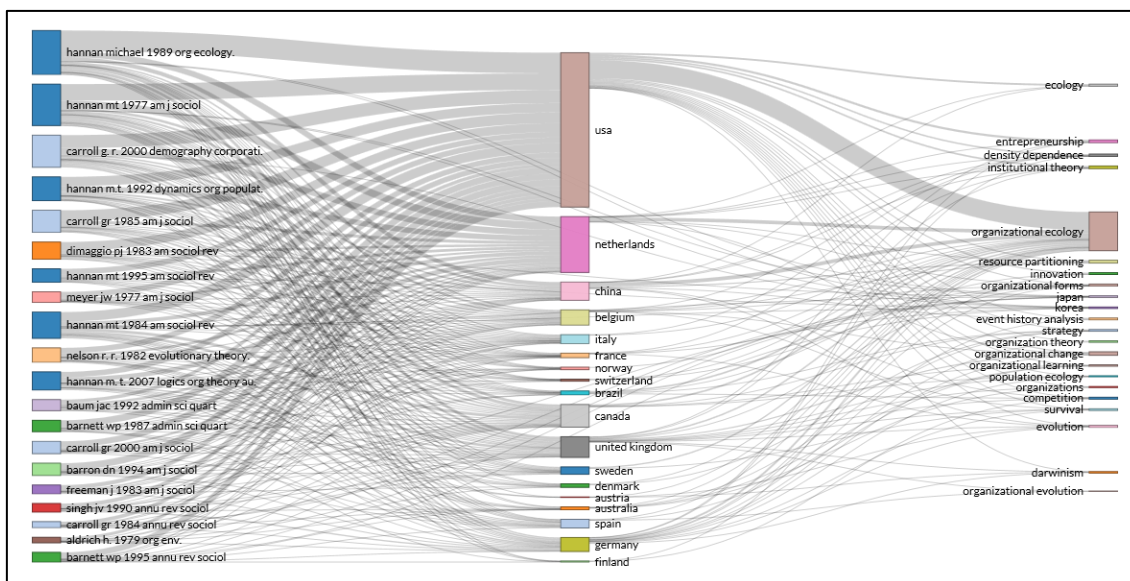
**Gráfico 11** Países mais citados nos estudos da base Scopus  
 Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio



**Gráfico 12** Países mais citados nos estudos da base Web of Science  
 Fonte: Elaborado pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

A Figura 1 possibilita uma análise mais detalhada do rumo dado aos estudos com a temática em questão. Inicialmente, a coluna à esquerda apresenta os autores mais referenciados quando se observa os estudos publicados. É nítido que a literatura clássica do tema se destaca nas duas bases, com os estudos de Hannan e Freeman (1977; 1984). Além disso, o estudo de Carrol e Hannan (2000) é o de menor idade apontado nas referências.

Ainda na Figura 1, a coluna intermediária refere-se aos países de origem dos estudos, confirmando o predomínio norte-americano, como já descrito anteriormente. Já a coluna à direita apresenta termos-chave com maior grau de importância. Observa-se o predomínio das terminologias básicas envolvendo a teoria em questão. Em menor número, vale destacar termos como “China”, “Korea” e “Japan”, em que os Estados Unidos aparece como ligação. Isso se deve ao surgimento de estudos comparando algum fenômeno organizacional entre esses países, como a constatação de que o aprendizado organizacional modera os efeitos da distância institucional no setor internacional de serviços (Dikova, Sahib, & van Witteloostuijn, 2010). Essa análise além das fronteiras é uma característica importante frente às condições de internacionalização abordadas pela teoria da Ecologia Organizacional.



**Figura 1** Análise de três campos da base Scopus e Web of Science.

**Nota:** A coluna à esquerda representa os autores mais referenciados na amostra. A coluna do meio representa os países de origem dos artigos da amostra. A coluna à direita representa as palavras-chave mais utilizadas na amostra.  
 Fonte: Elaborada pelos autores, gerado por Bibliometrix R Studio

Observa-se também o termo “*entrepreneurship*” que ainda é pouco explorado, apesar de sua importância econômica. Uma aplicação sistemática de modelos ecológicos ao empreendedorismo revela lacunas significativas, sendo necessárias pesquisas e modelagens adicionais (Aldrich & Wiedenmayer, 2019). Já o termo “*event analysis history*” aparece como metodologia de comprovação dos pressupostos teóricos, já que análises de longo prazo podem evidenciar mudanças estruturais e estratégicas da organização. Um termo recorrente na literatura da teoria é nicho, que não aparece nas bases analisadas, sugerindo um assunto importante a ser explorado pela perspectiva da Ecologia Organizacional.

Dessa forma, foi possível identificar o panorama atual da literatura sobre Ecologia Organizacional, no âmbito mundial. Foi evidenciado que os países **economicamente** desenvolvidos (Estados Unidos, Canadá, Países Baixos, Alemanha e Reino Unido) possuem maior interesse pela temática e, conseqüentemente, maior contribuição. Análises comparativas com os tigres asiáticos (Japão, Coréia e China) surgem como ampliação dos estudos norte-americanos.

Ainda que timidamente, o Brasil é apontado em citações, indicando uma mudança na forma de enxergar as teorias organizacionais. Isso não significa ausência de estudos brasileiros (Cunha, 1999; Guerrazzi & Serra, 2017; Holgado-Silva et al., 2018; Meirelles e Silva & Thomaz, 2016; Silva et al., 2019), mas de análises qualificadas e de impacto internacional (Holgado-Silva et al., 2018). Assim, é necessário explorar o assunto fora dos grandes eixos e além dos pressupostos básicos.

Os artigos refletem ampla qualidade nas contribuições teóricas e empíricas para a análise dos pressupostos da ecologia organizacional. Entretanto, é possível argumentar muito sobre sua robustez, já que organizações e ambientes mudam continuamente. Análises estáticas podem não refletir a evolução do mundo organizacional (Carroll, 2004), o que exige pesquisas e análises contínuas sobre a maneira como os recursos e a performance institucional se desenvolvem ao longo do tempo e no ambiente. Por ser uma resposta aos desafios ambientais em conjunto com a dinâmica organizacional, o desempenho das organizações não é estacionário (Barnett, Greve, & Park, 1994).

## Considerações finais

Este estudo objetivou delinear o panorama atual da produção científica nacional e internacional relacionada à temática de Ecologia Organizacional. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliométrica por meio da base de dados Web of Science e Scopus, que resultou em 856 artigos pelo período entre 1959 e 2020.

Quanto às perspectivas envolvendo a academia, os interesses e focos de investigação apresentaram relevante crescimento e destaque dessa teoria para o conhecimento científico. Com isso, o mapeamento da produção apontou um cenário amplamente relacionado aos países economicamente desenvolvidos (Estados Unidos, Canadá, Países Baixos, Alemanha e Reino Unido).

Em relação às temáticas, verificou-se uma representatividade em publicações apontando diversas perspectivas e fenômenos de interesse da Ecologia Organizacional, apesar de uma concentração no tema geral. Os autores que mais publicaram nesse tema também tiveram seus trabalhos reconhecidos com maior número de citações, como Glenn R. Carrol e Arjen Van Witteloostuijn. As instituições que se destacaram são *Stanford University*, *University of California*, *University of Toronto* e *University of Groningen*.

A contribuição deste estudo para a área acadêmica decorre dos indicadores resultantes de instituições, autores e periódicos relevantes que aparecem na produção do conhecimento sobre o tema em nível nacional e internacional e que explicitam a importância dessa teoria em novas pesquisas. Apesar disso, fica evidenciado que as análises de destaque nacional ainda apresentam baixa representatividade em relação ao nível internacional.

Os resultados aqui apresentados têm limitações quanto à análise de alguns indexadores, devido à incompatibilidade de outras bases com as ferramentas tecnológicas para análise bibliométrica. Nesse sentido, sugere-se ampliar o estudo da temática em outras bases como também em eventos científicos relacionados ao tema. Além disso, abordar o fator de impacto pode trazer novas perspectivas sobre a utilização da teoria subsidiando outros campos da pesquisa, bem como a contribuição desses estudos na evolução científica. Por fim, os resultados apontam também lacunas que poderiam ser preenchidas em futuras pesquisas, como, por exemplo, pesquisas sobre *startups* no Brasil à luz das premissas da ecologia organizacional podem apontar fatores explicativos, para a sua emergência e fracasso, ainda não encontrados.

## Referências

- Aldrich, H. E., & Wiedenmayer, G. (2019). From Traits to Rates: An Ecological Perspective on Organizational Foundings. In *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth* (Vol. 21, pp. 61–97). <https://doi.org/10.1108/S1074-754020190000021010>
- Archambault, É., Campbell, D., Gingras, Y., & Larivière, V. (2009). Comparing bibliometric statistics obtained from the Web of Science and Scopus. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, *60*(7), 1320–1326. <https://doi.org/10.1002/asi.21062>
- Barnett, W. P., & Carroll, G. R. (1987). Competition and Mutualism among Early Telephone Companies. *Administrative Science Quarterly*, *32*(3), 400–421.
- Barnett, W. P., Greve, H. R., & Park, D. Y. (1994). An Evolutionary Model of Organizational Performance. *Strategic Management Journal*, *15*(1 S), 11–28. <https://doi.org/10.1002/smj.4250150903>
- Baum, J. A. C., & Mezias, S. J. (1992). Localized Competition and Organizational Failure in the Manhattan Hotel Industry, 1898-1990. *Administrative Science Quarterly*, *37*(4), 580. <https://doi.org/10.2307/2393473>
- Bienert, I. R. C., Oliveira, R. C. de, Andrade, P. B. de, & Caramori, C. A. (2015).

- Bibliometric indexes, databases and impact factors in cardiology. *Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular*, 30(2), 254–259. <https://doi.org/10.5935/1678-9741.20150019>
- Boavida, C., Rodrigues, E., & Saraiva, R. (2015). *Produção científica da Universidade do Minho indexada na Web of Science e Scopus*. Universidade do Minho. Braga.
- Carroll, G. R. (1984). Organizational ecology. *Annual Review of Sociology*, Vol. 10, (1977), 71–93. <https://doi.org/10.4135/9781446218556.n3>
- Carroll, G. R. (1985). Concentration and specialization: dynamics of niche width in populations of organizations. *American Journal of Sociology*, 90(6), 1262–1283. <https://doi.org/10.1086/228210>
- Carroll, G. R. (2004). Organizational ecology: an introduction. *Industrial and Corporate Change*, 13(1), 1–1. <https://doi.org/10.1093/icc/13.1.1>
- Carroll, Glenn R., Dobrev, S. D., & Swaminathan, A. (2002). Organizational processes of resource partitioning. *Research in Organizational Behavior*, 24, 1–40. [https://doi.org/10.1016/S0191-3085\(02\)24002-2](https://doi.org/10.1016/S0191-3085(02)24002-2)
- Carroll, Glenn R., & Swaminathan, A. (2011). Why the microbrewery movement? Organizational dynamics of resource partitioning in the US brewing industry. *The Competitive Dynamics of Entrepreneurial Market Entry*, 106(3), 127–175.
- Clegg, S. (1996). American anti-management theories of organization: A critique of paradigm proliferation. *Australian Journal of Management*, 21(2), 189–193. <https://doi.org/10.1177/031289629602100205>
- Clements, H. S., Baum, J., & Cumming, G. S. (2016). Money and motives: An organizational ecology perspective on private land conservation. *Biological Conservation*, 197, 108–115. <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2016.03.002>
- Cunha, M. P. e. (1999). Ecologia organizacional: implicações para a gestão e algumas pistas para a superação de seu caráter anti-management. *Revista de Administração de Empresas*, 39(4), 21–28. <https://doi.org/10.1590/s0034-75901999000400003>
- Daim, T. U., Ploykitikoon, P., Kennedy, E., & Choothian, W. (2008). Forecasting the future of data storage: Case of hard disk drive and flash memory. *Foresight*, 10(5), 34–49. <https://doi.org/10.1108/14636680810918496>
- Delmar, F., & Shane, S. (2004). Legitimizing first: Organizing activities and the survival of new ventures. *Journal of Business Venturing*, 19(3), 385–410. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(03\)00037-5](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(03)00037-5)
- Dikova, D., Sahib, P. R., & van Witteloostuijn, A. (2010). Cross-border acquisition abandonment and completion: The effect of institutional differences and organizational learning in the international business service industry, 1981–2001. *Journal of International Business Studies*, 41(2), 223–245. <https://doi.org/10.1057/jibs.2009.10>
- DiMaggio, P., & Powell, W. (1983). The Iron Cage Revisited: Institutional Isomorphism in Organizational Fields. *American Sociological Review*, 48(2), 147–160.
- Dougall, E. (2005). Revelations of an ecological perspective: Issues, inertia, and the public opinion environment of organizational populations. *Public Relations Review*, 31(4), 534–543. <https://doi.org/10.1016/j.pubrev.2005.08.013>
- Freeman, J., & Hannan, M. T. (1983). Niche width and the dynamics of organizational populations. *American Journal of Sociology*, 88(6), 1116–1145. <https://doi.org/10.1086/227797>
- Freeman, John, & Hannan, M. T. (2014). Commentary and Debate. *American Journal of Sociology*, 95(2), 425–439.
- Freitas, M. E. (2000). Reseña de “Handbook de Estudos Organizacionais. Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais.” *Revista de Administração de Empresas*, 40(1), 105–107. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155118213011>
- Gang, K. W. (2018). The impact of pre-entry experiences on entry decisions and firm

- survival. *Technological Forecasting and Social Change*, 137(March 2017), 249–258. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2018.07.058>
- Greve, H. R., & Argote, L. (2015). *Behavioral Theories of Organization. International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences: Second Edition* (Second Edi, Vol. 2). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.73121-7>
- Guerrazzi, L. A. de C., & Serra, F. A. R. (2017). Declínio em pequenas empresas: abordagens e trabalhos relevantes. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 23(3), 206–238. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.176.66629>
- Hannan, M. T., Dundon, E. A., Carroll, G. R., & Torres, J. C. (1995). Organizational evolution in a multinational context: entries of automobile manufacturers in Belgium, Britain, France, Germany, and Italy. *American Sociological Review*, 60(4), 509–528. <https://doi.org/10.2307/2096291>
- Hannan, Michael T., & Freeman, J. (1977). The Population Ecology of Organizations. *American Journal of Sociology*, 82(5), 929–964. <https://doi.org/10.1086/226424>
- Hannan, Michael T., & Freeman, J. (1984). Structural Inertia and Organizational Change  
Author ( s ): Michael T . Hannan and John Freeman Source : American Sociological Review , Vol . 49 , No . 2 ( Apr . , 1984 ) , pp . 149-164 Published by : American Sociological Association Stable URL : [http://www.American Sociological Review](http://www.AmericanSociologicalReview.com), 49(2), 16.
- Hannan, Michael T., & John Freeman. (1977). The Population Ecology of Organizations. *American Journal of Sociology*, 82(5), 929–964. <https://doi.org/10.1086/226424>
- Hatch, M. J., & Cunliffe, A. L. (2006). *Organization theory: Modern, Symbolic, and Postmodern Perspectives. Journal of Chemical Information and Modeling* (30th ed., Vol. 53). Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Haveman, H. A., & Wetts, R. (2019). Contemporary organizational theory: The demographic, relational, and cultural perspectives. *Sociology Compass*, 13(3), 1–20. <https://doi.org/10.1111/soc4.12664>
- Holgado-Silva, H. C., Casarotto, E. L., Benini, E. G., & Binotto, E. (2018). Bibliometria em estudos organizacionais: o perfil das produções em ecologia das organizações. *Gestão e Sociedade*, 12(31), 2042–2066. <https://doi.org/10.21171/ges.v12i31.2297>
- Hsu, G., & Hannan, M. T. (2005). Identities, genres, and organizational forms. *Organization Science*, 16(5), 474–490. <https://doi.org/10.1287/orsc.1050.0151>
- Kücher, A., & Feldbauer-Durstmüller, B. (2019). Organizational failure and decline – A bibliometric study of the scientific frontend. *Journal of Business Research*, 98(May), 503–516. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.05.017>
- Makarevich, A. (2018). Ties of survival: Specialization, inter-firm ties, and firm failure in the U.S. venture capital industry. *Journal of Business Research*, 86(February), 153–165. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.02.001>
- Marquesan, F. F. S., & Figueiredo, M. D. de. (2018). Do ecoambientalismo à sustentabilidade: notas críticas sobre a relação organização-natureza nos estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 25(85), 264–286. <https://doi.org/10.1590/1984-9250855>
- Meirelles e Silva, D., & Thomaz, J. C. (2016). Sobrevivência Organizacional Das Administradoras De Consórcio No Brasil: Uma Abordagem Evolucionária. *Revista Alcance*, 23(2), 170. <https://doi.org/10.14210/alcance.v23n2.p170-188>
- Mendoza-Abarca, K. I., Anokhin, S., & Zamudio, C. (2015). Uncovering the influence of social venture creation on commercial venture creation: A population ecology perspective. *Journal of Business Venturing*, 30(6), 793–807. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2015.04.003>
- Meyer, J. W., & Rowan, B. (1977). Institutionalized Organizations: Formal Structure as Myth

- and Ceremony. *American Journal of Sociology*, 83(2), 340–363.  
<https://doi.org/10.1086/226550>
- Silva, M. R. R., Santos, A. S. L., & Macedo, A. C. M. de. (2019). Inovação, Sobrevivência e Ecologia organizacional: possibilidades de relação. *Revista Administração Em Diálogo*, 21(2), 148–163.
- Souza, C. D. de. (2013). A organização do conhecimento: Estudo bibliométrico na base de dados ISI Web of Knowledge. *Biblios: Journal of Librarianship and Information Science*, 51(51), 20–32. <https://doi.org/10.5195/biblios.2013.108>
- Swaminathan, A., & Wiedenmayer, G. (1991). Does the pattern of density dependence in organizational mortality rates vary across levels of analysis? evidence from the German brewing industry. *Social Science Research*, 20(1), 45–73. [https://doi.org/10.1016/0049-089X\(91\)90003-L](https://doi.org/10.1016/0049-089X(91)90003-L)
- Tremblay, V. J. (1993). The organizational ecology of strategic groups in the American brewing industry: A comment. *Industrial and Corporate Change*, 2(1), 91–98.  
<https://doi.org/10.1093/icc/2.1.91>
- Tsai, W. M. H., MacMillan, I. C., & Low, M. B. (1991). Effects of strategy and environment on corporate venture success in industrial markets. *Journal of Business Venturing*, 6(1), 9–28. [https://doi.org/10.1016/0883-9026\(91\)90003-V](https://doi.org/10.1016/0883-9026(91)90003-V)
- Verhaal, J. C., Khessina, O. M., & Dobrev, S. D. (2015). Oppositional product names, organizational identities, and product appeal. *Organization Science*, 26(5), 1466–1484.  
<https://doi.org/10.1287/orsc.2015.1000>
- Wallin, J. A. (2005). Bibliometric Methods: Pitfalls and Possibilities. *Basic & Clinical Pharmacology & Toxicology*, 97(5), 261–275. [https://doi.org/10.1111/j.1742-7843.2005.pto\\_139.x](https://doi.org/10.1111/j.1742-7843.2005.pto_139.x)